

A PRESENÇA DO ARQUÉTIPO DA CIRCULARIDADE NA CULTURA DE POVOS ORIGINÁRIOS E TRADICIONAIS

THE PRESENCE OF THE ARCHETYPE OF CIRCULARITY IN THE CULTURE OF INDIGENOUS AND TRADITIONAL PEOPLES

LA PRESENCIA DEL ARQUETIPO DE CIRCULARIDAD EN LA CULTURA DE LOS PUEBLOS INDÍGENAS Y TRADICIONALES

Nelson Russo de Moraes

Docente do Departamento de Comunicação Social (FAAC/UNESP Bauru) e (PGAD/UNESP Tupã), Brasil.
nelson.russo@unesp.br

 0000-0003-0159-9433

Cássia Amélia Gomes

Doutoranda em Ciências/Agronegócio e Desenvolvimento (FCE/UNESP), Brasil.
cassia.amelia@unesp.br

 0000-0002-7992-0138

Alexandre de Castro Campos

Doutorando em Ciências/Agronegócio e Desenvolvimento (FCE/UNESP), Brasil.
alexandre.c.campos@unesp.br

 0000-0001-5663-8757

Victor Hugo Silva Souza

Mestrando em Ciências/Agronegócio e Desenvolvimento (FCE/UNESP), Brasil.
vhs.souza@unesp.br

 0000-0003-0373-8257

Correspondência: Sala 11 –DCSO – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – UNESP; Av. Eng. Luís Edmundo Carrijo Coube, 14-01 – Vargem Limpa - Bauru, São Paulo, Brasil - CEP: 17033-360.

Recebido em: 25.06.2024

ACEITO EM: 10.03.2025

Publicado em: 02.06.2025

RESUMO

O arquétipo da circularidade é considerado o símbolo da integração por diversas religiões, da totalidade, o *religare* humano e espiritual. A simbologia do círculo se apresenta como um processo, em constante transformação, com dinamismo, sendo cíclico, pois sua essência é o movimento. Os símbolos dão significado à vida, sendo fundamentais para o desenvolvimento humano, visto que ao compreender o seu significado, dentro de uma cultura, gera ao indivíduo a noção de pertencimento. Torna-se relevante a compreensão do ser humano levando em consideração o meio no qual está inserido, sua cultura, o território, as relações sociais, com a ancestralidade, contribuindo para a noção de pertencimento e o desenvolvimento da individuação e da identidade. Por isso, o estudo, de caráter bibliográfico e qualitativo, vem, por meio do reconhecimento do arquétipo da circularidade, promover a integração da totalidade, o conhecimento epistemológico, étnico e ancestral, facilitando o reconhecimento identitário dos povos tradicionais e originários e sua conexão com a ancestralidade por meio dos arquétipos presentes no inconsciente coletivo.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Individuação; Circum-ambulação.

Introdução

O círculo traz em si a sacralidade, representando o divino - por não ter começo nem fim -, a perfeição e a eternidade. É ainda considerado como o símbolo da integração por diversas religiões, da totalidade, o *religare* humano e espiritual. A circularidade, desde os tempos mais remotos, acompanha a humanidade, por isso, considerado arquetípico. A simbologia do círculo se apresenta como um processo, em constante transformação, com dinamismo, sendo cíclico, pois sua essência é o movimento. De acordo com Lourenço (2019) o círculo representa os ciclos da natureza e da vida humana, a criação contínua, o eterno vir a ser, os reinícios e as transformações.

Os símbolos dão significado à vida, sendo fundamentais para o desenvolvimento humano, visto que ao compreender o seu significado, dentro de uma cultura, gera ao indivíduo a noção de pertencimento. Ainda, proporciona o desenvolvimento do processo de individuação, que de acordo com Jung (2002) diz respeito ao tornar-se único, distinguindo-se dos demais, se afastando daquilo que a sociedade espera e indo em direção de si mesmo, oportunizando o desenvolvimento da identidade.

Ao observarmos a dinâmica da natureza e dos ciclos da vida, torna-se evidente a circularidade, e consequentemente, por meio da circum-ambulação, a tomada de consciência. Além disso, a compreensão de que o funcionamento da vida humana se dá por um processo cíclico de desenvolvimento que visa a autonomia e a liberdade. Nesse sentido, não há conhecimento acabado nem ser humano pronto, pois estamos em constante transformação.

Torna-se relevante a compreensão do ser humano levando em consideração o meio no qual está inserido, sua cultura, o território, as relações sociais, com a ancestralidade, contribuindo para a noção de pertencimento e o desenvolvimento da individuação e da identidade, utilizando-se da circularidade para o conhecimento dos processos de vida e transformação. Dessa forma, o estudo apresenta relevância para a comunidade científica ao mostrar a associação entre o arquétipo da circularidade e o divino, o *religare* entre o homem e o cosmos por sua simbologia cílica, além disso, os ciclos da vida humana e da natureza, oportunizando a individuação, o desenvolvimento da identidade e consequentemente a noção de pertença a uma cultura. Além disso, com a sociedade ao oportunizar a tomada de consciência e a transformação social, visto o reconhecimento epistemológico e ancestral.

Portanto, o reconhecimento do arquétipo da circularidade como representação do divino, da integração e da totalidade traz para a sociedade a oportunidade do conhecimento epistemológico, étnico e ancestral, por meio do desenvolvimento identitário e de pertencimento, mostrando a diversidade de conhecimentos, sendo este cílico e inacabado.

Fundamentação Teórica

A importância dos rituais para os povos originários e tradicionais

Durante o processo de colonização o etnocídio e o epistemicídio foram algumas das estratégias utilizadas pelo invasor para a dominação dos povos originários, valorizando sua própria cultura. Assim, os povos dominados eram obrigados a absorver a

cultura dominante, sendo catequizados e com isso, se distanciando de sua ancestralidade, tornando possível a escravização (Gomes, 2018).

As ciências humanas e sociais vêm contribuir com seu fazer ciência, facilitando o fortalecimento da cultura, da ancestralidade, dos saberes, visando a transformação social. Deste modo, a manutenção da cultura, com sua religião, costumes, linguagem, configurando o bem viver e oportunizando o reconhecimento de uma comunidade. Tal processo vem constituir a resistência, dificultando o processo de dominação, visto o conhecimento e o reconhecimento da ancestralidade, da identidade por um povo.

Ferreira (2020, p. 10) traz,

o pensamento a respeito da importância do culto à ancestralidade, por meio dos rituais, para a manutenção da identidade e do sentimento de pertencimento: “a repetição ritualística extenua as veleidades de essencialização de qualquer real, o ritual impossibilita a declinação de um princípio de identidade.

Deste modo, a circularidade vem representar ciclos que se interseccionam, retroalimentando-se, mantendo a ancestralidade e seus valores imateriais, de modo místico, considerando a vivência.

É possível verificar a presença do arquétipo da circularidade nos territórios, dando a estes a sacralidade por meio da experiência religiosa e da simbologia presente, tornando os locais sagrados significativos para a comunidade. Nos locais sagrados há a presença de um sistema de símbolos pertencentes à cultura de uma comunidade, os quais representam a sua história, sua ancestralidade e estabelece o elo entre o mundo e o cosmos (Costa, 2020). Assim, os locais sagrados vêm promover a noção de pertencimentos por meio da vivência no território, com suas especificidades materiais e imateriais, estruturando a subjetividade de um povo e a identidade do indivíduo.

É por meio dos mitos que o ser humano entra em contato com o sagrado e adentram no âmbito do divino, sendo o rito, o elo com as divindades, os espíritos ou as forças da natureza. O rito se constitui como a práxis do mito, proporciona às comunidades a revisitação ao passado, o contato com a ancestralidade - tradições religiosas, danças, cantos, pintura dos corpos, rituais de cura, etc. De acordo com Peirano (2000, p. 11) “como sistemas culturalmente construídos de comunicação simbólica, os ritos deixam de ser apenas a ação que corresponde a um sistema de ideias, se tornam bons para pensar e bons para agir”. Os ritos de passagem estão presentes em grande parte das comunidades indígenas, marcando a transição de um grupo ou indivíduo de uma

condição para outra – desde gestação ao nascimento, início da vida adulta, casamento, morte entre outras. Deste modo, é possível perceber que os rituais fazem parte do comportamento humano, sendo responsáveis por fundamentar a realidade e a organização de uma comunidade, estando presentes em praticamente todas as culturas e tradições religiosas (Guilouski & Costa, 2012).

Segundo Vilhena (2005, p. 21),

o rito refere-se, pois, à ordem prescrita, à ordem do cosmo, à ordem das relações entre deuses e seres humanos e dos seres humanos entre si. Reporta-se ao que rima e ao ritmo da vida, à harmonia restauradora, à junção, às relações entre as partes e o todo, ao fluir, ao movimento, à vida acontecendo. A busca pela ordem e o movimento são elementos constitutivos dos rituais.

Os rituais fazem parte da expressão cultural de um povo, integram o universo simbólico. Por isso, de acordo com Vilhena (2005, p. 55),

sendo o rito expressão e síntese do *ethos* cultural de um povo, portanto expressão de sua vida há de se salientar que, como ação, é 'vida acontecendo, processando-se, sendo significada, interpretada, ordenada, criada. O rito é vida criando vida, pois no caos, na indeterminação, na falta de horizontes e sentido não sobrevivemos. É, portanto, atividade, trabalho, obra que opera, transforma, cria, significa.

As danças circulares sagradas trazem em seu bojo a ancestralidade de diversos povos, simbolizam os ciclos da vida por meio do encontro e da participação (Ostetto, 2009). Por meio da dança, com as músicas, gestos, significados e símbolos a comunidade se reúne para celebrar os momentos importantes – plantio, colheita, nascimentos e funerais. Pensar circularmente é dar abertura ao diálogo, é acolher a diversidade, experiências e histórias de vida. É o pensar de forma cílica e em potencial, é zelar pela multiplicidade de conhecimentos (Ostetto, 2009). É partilhar valores e crenças que vão além da palavra (Ostetto, 2009).

Outro ritual de grande importância para as comunidades indígenas é o Kuarup, através do qual as almas dos falecidos são libertadas. No ritual os falecidos são representados por toras (Kuarup) extraídas de uma árvore chamada Mavunha, - também usada no mito de criação pelo herói Mavutsinim, criador da humanidade, dando ori-

gem a comunidade Kamayurá que habita a região do Alto Xingu - enfeitadas com co-
cares, colares e pinturas simbólicas. A formação do círculo sagrado em respeito às fa-
mílias dos homenageados, com todos os presentes é um dos momentos mais impor-
tantes do ritual (Guilouski & Costa, 2012). Momento este em que cânticos são entoados
pelos pajés ao ritmo do maracá - instrumento sagrado, confeccionado a partir da caba-
ça, com uma haste e sementes no seu interior.

A ciência do sagrado, por meio da benzedura, das rezas e dos rituais de cura,
com seu arcabouço de crenças religiosas também faz parte da cultura das comunida-
des originárias e tradicionais. De acordo com Gomes (2022, p. 174), "o arquétipo do cu-
rador é vivenciado pelos povos originários por meio da sua cultura, em rituais de cura,
sendo o pajé aquele que detém do conhecimento das técnicas e quem promove a cura,
restabelecendo a saúde física, psíquica e espiritual". Na Comunidade Quilombola da
Serra do Evaristo/CE as danças circulares carregam o poder da cura, assim, a Dança de
São Gonçalo é realizada para que promessas sejam pagas, para a cura de problemas
físicos e/ou psíquicos e para o retorno de um parente (Machado, 2021). A Dança de Al-
mas acontece quando, por meio de sonho ou visão, o morto pede uma dança. De acor-
do com Machado (2021), os quilombolas do Evaristo relatam que, "aqui é tudo circular,
essa é a nossa tradição".

Deste modo, os rituais se configuram como a ligação entre o cosmos e as co-
munidades, o céu e a terra, sendo a externalização dos mitos, a expressão da ancestra-
lidade, dos arquétipos presentes no inconsciente coletivo dos povos, motivo pelo qual
a recorrência da circularidade nas manifestações populares (Almeida & Haderchpek,
2020).

A presença do arquétipo da circularidade nos rituais

O círculo é considerado um dos símbolos mais antigos desenhados pelo ho-
mem, sendo universalmente utilizado pelos povos originários como referencial para o
plantio e a colheita (Pennick, 2002). O círculo representa ainda os ciclos da vida, da na-
tureza e das estações do ano.

De acordo com Moraes (2000) os rituais apresentam forte ligação com a religio-
sidade de um povo, sendo o elo entre suas almas e a natureza, criando uma interde-
pendência com o ritmo de vida, o nascimento, casamento e ritos de passagem. O an-
tropólogo James Frazer (1982) mostra a universalidade na relação que os povos esta-
beleceram entre a religiosidade, o cosmos, os mitos e as práticas agrícolas, a economia
da comunidade, os casamentos, com as estações do ano, etc. Assim, a deusa Mãe está

presente nas estações quentes em sua plenitude e fertilidade e se retira nas estações frias; no dia com o nascer do sol; e na noite com os ciclos da lua. Na mitologia grega, a deusa Deméter é a regente dos ciclos da natureza, sendo responsável pelas colheitas e todas as coisas vivas; já a deusa Selene representa todas as fases da lua (Lourenço, 2019). "A circularidade presente na sucessão das estações, assim como das fases da lua, marca o ritmo da vida e as etapas de um ciclo de desenvolvimento: nascimento, formação, maturidade, declínio" (Chevalier & Gheerbrant, 2001, p. 401).

A dinâmica circular é responsável pelo movimento tanto dos seres humanos quanto das sociedades e civilizações, fazendo parte tanto da ciência ecológica como do saber ancestral das comunidades originárias e tradicionais. Tal pressuposto revela a relação do homem com Gaia, a mãe Natureza, a qual institui os ciclos da vida por meio da integralidade e da circularidade, da transformação e da evolução (Lourenço, 2019).

O saber ancestral dos povos originários se estrutura de modo circular e cílico, se configurando por meio de um mecanismo de continuidade, transmitido pela oralidade, pela cultura e pelas práticas sociais. Um exemplo são as histórias, transmitidas pela oralidade, por gerações, de uma única maneira por milênios, como se seguisse um protocolo da tradição (Conte; Lopes & Tettamanzt, 2018), se configurando como arquetípica. O indivíduo integra o todo, um arcabouço de símbolos que dão a este a noção de pertencimento, não somente física, mas espiritualmente a uma comunidade. Comunidade esta que possui um território que é material – a fauna, a flora, e imaterial, com a sua ancestralidade - danças sagradas, rituais de cura, cânticos, a oralidade, etc.

Assim, o indivíduo vivencia as mesmas práticas, seguindo a tradição e os saberes da comunidade, constelando arquétipos, dentre eles o da circularidade.

As comunidades ancestrais se reuniam em círculo para a troca de saberes, de experiências, para transmissão das histórias por meio da oralidade, sendo possível perceber a presença do arquétipo da circularidade no entrelaçamento e na construção de saberes. Isso mostra que, o ato de se reunir em círculo para a troca de vivências e saberes traz ensinamento e a construção de novos saberes, haja vista que as relações sociais são essenciais para a aprendizagem humana (Vygotsky, 1993).

Os povos originários consideram a mãe natureza como a responsável pelo desenvolvimento do ser humano. Sentem-se como parte da natureza e consideram o sagrado como integrante do território, da imaterialidade das comunidades, com isso morada para os saberes e memórias. Para eles, "gente é bicho e bicho é gente, tudo é ou pode ser numa circularidade inimaginável para as mentes racionais e cartesianas" (Lima, 2008).

Para os indígenas da América do Norte, o círculo simboliza o céu cósmico, o qual se mantém único, ainda que o tempo passe visto a sua continuidade. O círculo simboliza o tempo, pois "o tempo diurno, o tempo noturno e as fases da lua são círculos por cima do mundo, e o tempo do ano é um círculo em volta da extremidade do mundo" (Narrativa do chefe espada, xamã Dakota apud Chevalier & Gheerbrant, 2001, p. 252). Deste modo, o círculo representa a divindade, aquela que não tem princípio nem fim, o uroboros. A natureza é a base para a elaboração dos conhecimentos, sendo repetidos por povos de todos os continentes durante milênios, se configurando como arquetípico, transmitidos pelos mais velhos. Esses saberes cíclicos, que vão além dos tempos, das gerações trazem em si a circularidade, com isso, ancestrais.

Os povos Bororos brasileiros organizam suas comunidades a partir de dois eixos, dividindo-a em quatro, formando um círculo ao redor do terreno de danças e casa dos homens.

Uma aldeia dos indígenas Bororos, na Amazônia. A cabana central é o espaço de todos. É onde se partilha a caça e onde encenam seus rituais e festas. A aldeia é uma manifestação da ordem cósmica, com a casa de encontros (onde as relações sociais se dão), ao centro de um anel de habitações (Humphrey, 2002, p. 43).

A estrutura social e a de parentesco dos Bororos se dispunham conforme a organização espacial, por isso quando missionários Salesianos, durante o processo de colonização, estabelecem um novo formato para a comunidade, causa desorientação para os indígenas. Com isso, sendo desfeita a sua cosmologia original, os bororos passam a aceitar a organização exigida pelos Salesianos, trazendo novos e confusos significados. O mito, no caso dos bororos, o arquétipo da circularidade, trazia organização e proteção contra a imersão no caos (Almeida & Haderchpek, 2020).

Tudo que o poder do mundo faz é feito em círculo. O céu é redondo, e tenho ouvido que a terra é redonda como uma bola, e assim também o são as estrelas. O vento, em sua força máxima, rodopia. Os pássaros fazem seus ninhos em círculos, pois a religião deles é a mesma que a nossa. O sol nasce e desaparece em círculo em sua sucessão, e sempre retornam outra vez ao ponto de partida. A vida do homem é um círculo, que vai da infância até a infância, e assim acontece com tudo que é movido pela força. Nossas tendas eram redondas como os

ninhos das aves, e sempre eram dispostas em círculo, o aro da nação, o ninho de muitos ninhos, onde o Grande Espírito quis que nós chocássemos nossos filhos (Alce Negro, Xamã da tribo indígena dos Navajos - América do Norte apud Almeida & Haderchpe, 2020).

No candomblé, de acordo com Ligiéro (2019, p. 87), veremos que é no centro que "estão enterrados os assentamentos e onde se encontra a grande força, o axé". Conforme Martins:

As canções, o ritmo dos instrumentos de percussão, a dança, os gestos, todos os movimentos do corpo, os mitemas culturais conjugados em cena capturam o próprio pulsar rítmico da experiência negra ancestral, engendrando uma percepção harmoniosa do corpo e do espírito (1995, pp. 100-101).

Assim, é possível perceber que a ancestralidade está presente no Candomblé Congo-Angola por meio dos símbolos e do corpo, o que vem estabelecer a conexão com o sagrado (Ferreira, 2020).

A simbologia da circularidade se faz presente nas rodas de capoeira, conferindo significado e manutenção da cultura. Constituída por um círculo, a partir de uma bateria, com atabaque, pandeiro, berimbau gunga, berimbau médio, berimbau viola, segundo pandeiro, agogô e o reco-reco (Dourado, 2017), a capoeira representa o arquétipo do ciclo. De acordo com Durand (2002), em virtude da circularidade, a roda simboliza a totalidade temporal e o recomeço; a unicidade, onde o início e o fim de cada ciclo apresentam-se como únicos e irrepetíveis. Assim, é possível a compreensão a respeito da simbologia que a roda de capoeira traz - cada roda formada pelo grupo apresenta um ciclo diferente de todos os outros.

O arquétipo da circularidade, presente nas rodas de capoeira apresenta em seu cerne os valores culturais de uma comunidade, compartilhados por todos os seus membros, o que confere um senso de pertencimento àquele grupo, "(...) Em um ritual vivo, o indivíduo existe através da comunidade que define quais são as etapas significativas da sua vida, e lhe dá reconhecimento e sanção adequados" (Garner & Supardi, 2016, p. 12).

O mito da criação do universo também carrega em sua constituição o arquétipo da circularidade, que de acordo com a tradição oral Guarani, o círculo com um ponto no centro significa Ñamundu - o Grande Mistério, o Imanifestado, o Um. Dizem as "pa-

lavras formosas” dos Guaranis: “Nosso Pai Primeiro/criou-se por si mesmo/na Vazia Noite iniciada” (Jecupé, 2001, pp. 22-25).

Para os indígenas, o tempo se apresenta de modo circular, sem que os humanos possam controlar, cuja lógica envolve a natureza, a ancestralidade. De maneira similar, o passado e o presente são uma unidade. “Para o indígena, o tempo é circular, holístico, de modo que, vez ou outra, os acontecimentos se encontram sem se chocar. O passado e o presente ganham dimensões semelhantes e se autorreforçam” (Munduruku, 2010, p. 57).

A geometria sagrada apresenta o quadrado como a matéria, o mundo terreno, o sólido, o fenômeno, a estabilidade, já o círculo vem representar o mundo celeste, a essência, o espírito, a transcendência (Jaffé, s/d). Na alquimia, o ideograma do “uno” é o círculo, o princípio e o fim, sendo representado pela imagem da serpente (ou dragão) que morde sua própria cauda: Oroboro que, com seu movimento, ao formar um círculo, exprime a ideia de continuidade, vida e morte, retorno, eterno vir a ser. O Uroboros representa o tempo infinito, cíclico e universal. O significado de oroboro (ou uroboros, uróboro, ouroboros) é encontrado no dicionário de símbolos com a seguinte definição:

A forma circular da imagem deu lugar a outra interpretação: a união do mundo ctônico, figurado pela serpente, e a do mundo celeste, figurado pelo círculo. Essa interpretação seria confirmada pelo fato de que o uroboros, em certas representações, seria metade preto, metade branco. Significaria assim a união de dois princípios opostos, a saber, o céu e a terra, o bem e o mal, o dia e a noite, o Yang e o Yin chinês, e todos os valores que esses opostos comportam (Chevalier & Gheerbrant, 1996, p. 922).

A *circuambulatio* e a integração identitária

O termo *circum* tem como significado “em volta de”, “ao redor de” e ambulação, de origem latina, o sentido de passear, deslocar. Presente em várias culturas, o mito do retorno apresenta como simbologia o movimento circular, pois creem que o centro da vida e da criação transcende a Terra e que o homem vivencia o eterno retorno ao cerne do círculo, à origem, ao Éden. Nesse sentido, o homem primal é aquele que possui conexão com seu centro. Com isso, o centro do círculo representa o elo entre céu e terra, onde as dimensões do homem são integradas - a razão e a espiritualidade (Chevalier & Gheerbrant, 2001).

A busca pelo centro está presente no mito do retorno com toda sua simbologia, representado, na mitologia grega por Ísis e Osíris, Ártemis e Apolo, que retornam ao dia ao dizimarem as trevas; no taoísmo yin e yang representam a raiz do retorno; no cristianismo, o retorno ao centro (Deus) é representado por Jesus. Com isso, a eternidade se configura como o eterno retorno, não tem começo e nem fim (Chevalier & Gheerbrant, 2001). Assim, é possível perceber que o desenvolvimento psicológico do homem se dá em busca do centro de equilíbrio, pois segundo Jung, (1999, p. 101) "o processo de individuação é parte naturalmente do pressuposto de que o homem é capaz de atingir a sua totalidade, de que pode curar-se". De acordo com o autor,

O sentido e a meta do processo são a realização da personalidade originária, presente no germe embrionário, em todos os seus aspectos. É o estabelecimento e o desabrochar da totalidade originária, potencial. Os símbolos utilizados pelo inconsciente para exprimi-la são os mesmos que a humanidade sempre empregou para exprimir a totalidade, a integridade e a perfeição; em geral esses símbolos são formas quaternárias e círculos (*idem, ibidem*).

A filosofia africana traz como pressuposto que, "o ser humano tem uma grande responsabilidade para a manutenção do equilíbrio cósmico" (Malomalo, 2014, p. 1), visto a sacralidade da existência para os povos africanos, os quais atribuem algo de divino em tudo o que existe. Conforme o filósofo, teólogo e sociólogo congolês Bas'Ile Malomalo (2014), "o ser humano africano sabe que nem tudo depende da sua vontade, depende também da vontade dos ancestrais, dos orixás" (*Idem, Ibidem, p. 1*), do sagrado em si. Para ele, o elemento central da filosofia africana é o Ubuntu, a partir do qual o mundo é concebido, alicerçado em uma rede de relações entre o divino - Oludumare, Nzambi, Deus, Ancestrais, Orixás -, a comunidade e a natureza.

A religião, constituída por seus ritos, mitos, danças, celebrações, cantos e encantamentos, contribui para que a "consciência ubuntuística" ecloda, aproximando o ser humano dos deuses, dos antepassados, da comunidade, do cosmos, da natureza e de si próprio, fazendo com que esse religare esteja sempre em conexão com a ancestralidade (Sbardelotto, 2013).

Jung (2002) simboliza a psique por meio da imagem da mandala, cuja expressão apresenta origem sâncrista, e que pode ser entendida como o que contém essência ou círculo da essência, devido a sua circularidade e a possibilidade de representar a totalidade pela união de opostos, bem como de unir a consciência individual com o cen-

tro da personalidade. Jung (2002) constatou, através de seus estudos que a mandala possui a capacidade de conservar a ordem psíquica ou de restabelecê-la. Para ele as mandalas representam o self, a totalidade, a expressão do arquétipo que repousa no inconsciente coletivo, e que quando constelado, por meio da vivência, vem impactar nos comportamentos da pessoa ou da comunidade.

Para Jung (2002) a individuação representa a busca pela totalidade, por meio da união de opostos, possibilitando o desenvolvimento das possibilidades e potencialidades, o encontro com aspectos desconhecidos de nossa personalidade. Deste modo, a mandala, a circularidade simboliza o Si-mesmo, pois traz em si o simbolismo da totalidade, abrangendo o consciente e o inconsciente. Por isso, os símbolos circulares e as mandalas apresentam conexão com a história do homem, com sua ancestralidade, seus saberes, utilizando-se dos arquétipos existentes no inconsciente coletivo como elo entre os povos primitivos e a contemporaneidade.

Metodologia

O arquétipo da circularidade encontra-se presente nos ciclos da vida, na dinâmica da natureza e no desenvolvimento da personalidade do homem, pelo processo de circum-ambulação, oportunizando a tomada de consciência, visando autonomia, liberdade e transformação. Portanto, torna-se relevante compreender o ser humano lançando um olhar para o ambiente, a cultura, o território, os saberes ancestrais, de modo a contribuir para a noção de pertencimento e de afirmação identitária.

Por isso, o estudo, por meio do reconhecimento do arquétipo da circularidade, como representação do divino, da integração e da totalidade vem oportunizar o conhecimento epistemológico, étnico e ancestral, facilitando o reconhecimento identitário dos povos tradicionais e originários e sua conexão com a ancestralidade por meio dos arquétipos presentes no inconsciente coletivo.

A fim de alcançar os objetivos propostos, o estudo de caráter bibliográfico e qualitativo utilizou-se de obras publicadas em língua portuguesa, entre os anos de 2018 e 2023, porém algumas publicadas anteriormente foram essenciais para a construção dos resultados. Deste modo, foi realizada pesquisa nas bases de dados PubMed e Lilac, utilizando dos descritores “arquétipo circularidade”; “círculo sagrado”; “circularidade”; “uroboros”; “circum-ambulação”, a partir dos quais foi possível ter acesso a estudos a respeito da temática e com isso, realizar a leitura, fichamento, categorização e análise dos resultados, sendo os mesmos apresentados na seção resultados e discussões.

Resultados e Discussões

O estudo mostra, de acordo com Ferreira (2020) que o culto à ancestralidade se dá por meio dos rituais, essenciais para a manutenção da identidade e do sentimento de pertencimento. Contudo, os povos colonizados foram submetidos à cultura do dominador, se despersonalizando, com isso, se desvinculando de sua ancestralidade, tornando possível a escravização (Gomes, 2018).

Tais pressupostos vêm embasar a importância dos locais sagrados para os povos originários e tradicionais, visto a simbologia presente na cultura, o que representa a sua história, sua ancestralidade e conecta o mundo terreno com o cosmos (Costa, 2020). Com isso, os locais sagrados estabelecem a noção de pertencimento, em decorrência da vivência no território, com a materialidade e a imaterialidade, o que serve de alicerce para o desenvolvimento da subjetividade de um povo e da identidade do indivíduo.

O círculo traz um sistema de símbolos, dentre eles os ciclos da vida, da natureza e das estações do ano, além de ser um dos símbolos mais antigos desenhados pelo homem (Pennick, 2002). É possível verificar a presença do arquétipo da circularidade na cultura de grande parte dos povos originários e tradicionais, e que conforme Pennick (2002) é utilizado como referência para o plantio e a colheita.

A ancestralidade de diversos povos é representada pelas danças circulares sagradas, as quais simbolizam os ciclos da vida por meio do encontro e da participação (Ostetto, 2009). As danças circulares carregam ainda o poder da cura para problemas físicos e/ou psíquicos e para o retorno de um parente, por isso na Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo/CE, a Dança de São Gonçalo é realizada para o pagamento de promessas (Machado, 2021).

De acordo com Moraes (2000) os rituais apresentam forte ligação com a religiosidade, sendo a expressão do sistema de símbolos de um povo e a conexão entre suas almas e a natureza. No ritual do Kuarup, o círculo sagrado é formado em respeito às famílias dos falecidos homenageados e, por meio do qual as almas (dos falecidos) são libertadas (Guilouski & Costa, 2012).

De acordo com Conte, Lopes e Tettamanzt (2028), a circularidade estrutura o saber ancestral dos povos originários, configurando a continuidade, transmitida pela oralidade, através das histórias, pela cultura e pelas práticas sociais para outras gerações, de uma única forma durante milênios e por isso, arquetípica. As comunidades dos povos Bororos brasileiros são organizadas a partir de dois eixos, sendo dividido em

quatro, formando um círculo ao redor do terreno de danças e casa dos homens. Isso porque, o arquétipo da circularidade representa a organização e a proteção contra a imersão no caos (Almeida & Haderchpek, 2020).

O arquétipo da circularidade se faz presente também nas rodas de capoeira, o que confere significado e manutenção da cultura. Por isso, de acordo com Durand (2002), em virtude da circularidade, a roda simboliza a totalidade temporal e o recomeço; a unicidade, onde o início o fim de cada ciclo apresentam-se como únicos e irrepetíveis.

Na tradição oral Guarani, o círculo com um ponto no centro significa Ñamundu - o Grande Mistério, o Imanifestado, o Um, cuja simbologia remete ao mito da criação do universo que também carrega em sua constituição o arquétipo da circularidade. Dizem as “palavras formosas” dos Guaranis: “Nosso Pai Primeiro/criou-se por si mesmo/ na Vazia Noite iniciada” (Jecupé, 2001, pp. 22-25).

O tempo se apresenta de forma circular para os indígenas, cuja lógica envolve a natureza e a ancestralidade. De maneira similar, o passado e o presente são uma unicidade. Conforme Munduruku: “Para o indígena, o tempo é circular, holístico, de modo que, vez ou outra, os acontecimentos se encontram sem se chocar. O passado e o presente ganham dimensões semelhantes e se autorreforçam” (2010, p. 57).

O mito do retorno pode ser encontrado na cultura de vários povos, o qual apresenta como simbologia o movimento circular, pois creem que o centro da vida e da criação transcende a Terra e que o homem vivencia o eterno retorno ao cerne do círculo, à origem, ao Éden, pois o centro do círculo representa o religare entre céu e terra, onde as dimensões do homem são integradas - a razão e a espiritualidade (Chevalier & Gheerbrant, 2001). Diante disso, o homem primal apresenta a capacidade de se conectar com seu centro.

Bas’llele Malomalo (2014), apresenta que, “o ser humano africano sabe que nem tudo depende da sua vontade, depende também da vontade dos ancestrais, dos orixás” (Idem, Ibidem, p. 1), do sagrado em si. Isso mostra que, o elemento central da filosofia africana é o Ubuntu, a partir do qual o mundo é concebido, alicerçado em uma rede de relações entre o divino - Oludumaré, Nzambi, Deus, Ancestrais, Orixás -; a comunidade e a natureza.

O arquétipo da circularidade, presente nos ritos, mitos, danças, celebrações, propicia a “eclosão” da consciência, tornando possível a aproximação do ser humano dos deuses, dos antepassados, da comunidade, do cosmos, da natureza e de si próprio,

fazendo com que a circularidade funcione como a conexão com a ancestralidade (Sbar-deotto, 2013).

Considerações Finais

De acordo com Jung (2002), a busca pela totalidade se dá pelo processo de individuação, o qual torna possível o desenvolvimento das possibilidades, potencialidades e o encontro com aspectos desconhecidos de nossa personalidade. Deste modo, o arquétipo da circularidade presente nos rituais, nos mitos, nas danças, na moradia, nas celebrações dos povos originários e tradicionais simboliza o Si-mesmo, pois traz em si a simbologia da totalidade, abrangendo o consciente e o inconsciente. Portanto, a circularidade se conecta com a história do homem, com sua ancestralidade, seus saberes, por meio dos ritos, utilizando-se dos arquétipos existentes no inconsciente coletivo para aproximar os povos primitivos e a contemporaneidade.

Referências

- Almeida, S. V., & Hardechpeck, R. (2020). O *axis mundi* e o jogo ritual: Deslocamento da realidade imanente para se alcançar a hierofania. *Urdimento*, 2(38). <https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/17729>
- Chevalier, J., & Gheerbrant, A. (2001). *Dicionário de símbolos* (16^a ed.). José Olympio.
- Conte, D., Lopes, N. L., & Tettamanzy, A. L. L. (2018). A escrita indígena como flecha: A fala ancestral no pós-colonialismo. *Revista FSA*, 15(4), 228–245. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/203647>
- Costa, O. J. L. (2020). A experiência do corpo e a circuambulação em lugares sagrados. *Espaço e Cultura*, jul./dez. <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>
- Dourado, Z. (2017). Pensando a capoeira dentro do ecossistema cultural: Algumas reflexões iniciais. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, 3(1), 96–114. <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/10740>
- Durand, G. (1996). *As estruturas antropológicas do imaginário*. Martins Fontes.
- Ferreira, T. (2020). Notações sobre a circularidade na Cena Negra Contemporânea e as ensinagens tradicionais do Candomblé Congo-Angola no Coletivo AFRO(en)CENA. *Pitágoras* 500, 10(1), 152–164. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/pit500/article/view/8658715>
- Frazer, J. (1982). *O ramo de ouro*. Guanabara.
- Garner, M., & Supardi, I. (2016). A linguagem da cerimônia Betungkal: Uma abordagem ecológica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, 2(1), 3–17. <http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/index>
- Gomes, D. M. (2018). *Esses conhecimentos que eu tenho não são meus: Circularidade entre ciência e religião* [Monografia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro].
- Gomes, C. A. (2022). A ciência do sagrado nos rituais de cura de povos originários: A constelação do arquétipo do curador. In N. R. Moraes (Org.), *Povos originários e comunidades tradicionais* (pp. 173–194). Fi.
- Guilovski, B., & Costa, D. R. (2012). Ritos e rituais. In *// JOINTH – Subjetivação contemporânea e religiosidade* (pp. 91–109). PUCPR.

- Humphrey, C. (2002). *Arquitetura sagrada*. Taschen.
- Jaffé, A. O. (s.d.). O simbolismo nas artes plásticas. In C. G. Jung, *O homem e seus símbolos* (10ª ed., pp. 230–271). Nova Fronteira.
- Jecupé, K. W. (2001). *Tupã Tenondé: A criação do universo, da terra e do homem segundo a tradição oral Guarani*. Peirópolis.
- Jung, C. G. (2002). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Vozes.
- Ligiéro, Z. (2019). *Teatro das origens: Estudo das performances afro-ameríndias*. Garmond.
- Lima, E. A. C. (2008). *Diálogos com a natureza, saberes dos povos da floresta Amazônica*. IV ENECULT. <http://www.cult.ufba.br/ene cult2008/14454.pdf>
- Lourenço, F. M. (2019). *A roda que nos move: Circularidade, integralidade e dialogia na educação* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade de Brasília]. https://bdm.unb.br/bitstream/10483/22681/1/2019_FabianaMattosoLourenco_tc_c.pdf
- Machado, C. F. (2021). Rodativas da vida e o tudo circular: A Dança de São Gonçalo e a contra-efetuação da política no Quilombo da Serra do Evaristo/CE. *Hawò*, 1, 1–25. <https://revistas.ufg.br/hawo/article/view/65514>
- Malomalo, B. (2014). *Filosofia do Ubuntu: Valores civilizatórios das ações afirmativas para o desenvolvimento*. CRV.
- Martins, L. M. (1995). *A cena em sombras*. Ed. Perspectiva.
- Moraes, W. A. (2000). *Respiração da Terra – Festas sazonais no Brasil e corpo etérico planetário*. Sociedade Antroposófica no Brasil. www.sab.org.br
- Munduruku, D. (2010). *Mundurukando: Participação de Ceixa Almeida*. Ed. do Autor.
- Ostetto, L. E. (2009). Na dança e na educação: O círculo como princípio. *Educação e Pesquisa*, 35(1), 177–193. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022009000100012>
- Peirano, M. (2000). *A análise antropológica de rituais* (Série Antropológica n. 270). Departamento de Antropologia, UnB.
- Pennick, N. (2002). *Geometria sagrada: Simbolismo e intenção nas estruturas religiosas* (6ª ed.). Pensamento.
- Sbardelotto, M. (2013). Humanismo, circularidade e solidariedade nas culturas de matriz africana. <https://kukalesa.wordpress.com/2013/08/12/humanismo-circularidade-e-solidariedade-das-culturas-de-matriz-africana/>
- Vilhena, M. A. (2005). *Ritos, expressões e propriedades*. Paulinas.
- Vygotsky, L. S. (1993). *Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio-histórico*. Scipione.

ABSTRACT

The archetype of circularity is considered the symbol of integration by various religions, of totality, the human and spiritual religare. The symbology of the circle is presented as a process, in constant transformation, with dynamism, being cyclical, because its essence is movement. Symbols give meaning to life, being fundamental for human development, since by understanding their meaning, within a culture, it generates the individual's notion of belonging. It becomes relevant to understand the human being taking into account the environment in which he is inserted, his culture, the territory, the social relations, with ancestry, contributing to the notion of belonging and the development of individuation and identity. Therefore, the study, of a bibliographic and qualitative nature, comes, through the recognition of the archetype of circularity, to promote the integration of totality, epistemological, ethnic and ancestral knowledge, facilitating the recognition of the identity of traditional and original peoples and their connection with ancestry through the archetypes present in the collective unconscious.

KEYWORDS: Identity; Individuation; Circumambulation.

RESUMEN

El arquetipo de la circularidad es considerado el símbolo de la integración por parte de las diversas religiones, de la totalidad, de la religare humana y espiritual. La simbología del círculo se presenta como un proceso, en constante transformación, con dinamismo, siendo cíclico, porque su esencia es el movimiento. Los símbolos dan sentido a la vida, siendo fundamentales para el desarrollo humano, ya que, al comprender su significado, dentro de una cultura, se genera la noción de pertenencia del individuo. Se vuelve relevante entender al ser humano teniendo en cuenta el entorno en el que se inserta, su cultura, el territorio, las relaciones sociales, con ancestralidad, contribuyendo a la noción de pertenencia y al desarrollo de la individuación e identidad. Por lo tanto, el estudio, de carácter bibliográfico y cualitativo, llega, a través del reconocimiento del arquetipo de la circularidad, a promover la integración de la totalidad de los saberes epistemológicos, étnicos y ancestrales, facilitando el reconocimiento de la identidad de los pueblos tradicionales y originarios y su conexión con la ancestralidad a través de los arquetipos presentes en el inconsciente colectivo.

PALABRAS CLAVE: Identidad; Individuación; Circunvalación.